

## **Subprojeto de História - VITOR HUGO CORRÊA**

Boa tarde!

Começo agradecendo aos amigos do PIBID História pela honra de representá-los, e esclarecer que falarei não tanto sobre minha experiência particular, mas em nome de todos os que integram este grupo. Agradeço também aqueles que tornam possível este projeto: a coordenação do PIBID da PUC-Rio na pessoa da Prof. Maria Rita, à PUC-Rio, e à CAPES. Não posso deixar de agradecer a um integrante fundamental deste projeto, a Escola Municipal Christiano Hamann, nas pessoas da diretora Profa. Ligia Figueiredo Dias e do Prof. Paulo Louro que nos prestigiam com sua presença.

Neste período de cerca de um ano e cinco meses de convivência e trabalho, muito foi o que aprendemos. Nossa experiência permitiu colocar em prática não só os princípios do PIBID, mas também os princípios trabalhados por nosso departamento na formação de professores de História. Tais princípios foram trabalhados pelo professor orientador e são sintetizados nos nossos três pressupostos, que são: 1º A relação indissociável entre o ato de ensinar, revelado no papel do professor, e o ato de aprender, revelado no papel do aluno. Colocando o aluno no lugar mais importante da relação professor-aluno, pois é próprio motivo da relação; 2º O professor como Autor de um texto que é a aula de História. Superando a imagem do professor como reprodutor do material didático ou acadêmico e colocando-o como responsável por sua aula, como Autor; E o 3º Estar no mundo, que é a capacidade de aprender a ler o mundo, ou seja, saber identificar e compreender as questões e os desafios que nos cercam.

Os que se lembram de nossa apresentação no seminário PIBID da PUC-Rio, já conhecem nossos pressupostos. Escolhi lembrá-los, em minha fala, porque nossa prática esteve intimamente ligada a estes princípios. Assim como, guardadas as devidas particularidades, servem para os outros subprojetos aqui apresentados. O próprio motivo deste projeto somos nós - os alunos. Assim como a escola não existe por causa do governo ou qualquer outro motivo que não seja o aluno. A responsabilidade de nossas aulas são nossas, professores. Cada um de nós somos autores de nossas aulas. Seja ela de língua portuguesa, geografia ou história. E o objetivo final, a formação integral do cidadão.

Assim como consta nos objetivos do PIBID no site do Ministério da Educação, vivemos a relação entre a prática e a teoria. Efetivando-se, assim, o que vemos nas disciplinas

dos cursos de pedagogia, fundamentais e obrigatórias na formação das licenciaturas, não há prática sem teoria e nem teoria sem prática.

Tais princípios e o tempo destinado para o projeto fizeram com que nossa entrada e permanência na escola se desse de uma forma diferente. Diferente em relação à prática das disciplinas de estágio obrigatório, que ao entrar em contato com a turma, acabamos por ocupar o lugar de observadores e temos somente duas oportunidades de dar aulas. Diferente também porque vamos além do espaço da sala de aula. Frequentando a sala dos professores e participando do conselho de classe. Além de podermos conhecer e refletir sobre os dilemas, desafios e a estrutura da escola por meio das reuniões com o professor supervisor, que de forma sincera nos apresentava o andamento das turmas e da matéria sempre se mostrava aberto para ouvir nossas colocações.

Acredito que uma das coisas mais ricas que o PIBID pode proporcionar é a troca. Seja ela de conhecimento ou de experiências. O ouvir e ser ouvido.

Como é gratificante para nós, hoje, podermos ver que nossas reflexões, ideias e novas práticas, que pensamos e desenvolvemos na universidade, foram consideradas com atenção pelo professor supervisor. Assim como a experiência e o conhecimento do professor supervisor, que vive o dia-a-dia da escola contribuiu para nossa formação.

Como são desafiadoras e animadoras para nós, cada aula, cada atividade, cada intervenção junto às turmas, a oportunidade não só de traduzir o que há de novo na historiografia como também de juntamente com o professor supervisor apresentar-lhes um mundo diferente. Acredito que Marcelo Abreu, autor do último texto que debatemos, sintetize nosso desafio, nossa esperança e nosso empenho quando coloca como desafio ao professor de história, “valorizar a criação de sequências didáticas e atividades (...) que transformem por fim, os conteúdos prescritos nos currículos em pretexto para o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis à leitura do tempo e do mundo.”. Ou seja, ir além do conteúdo. Contribuindo para a formação não de eruditos, mas de cidadãos capazes de lerem e agirem no mundo em que vivem de forma consciente, que é o nosso objetivo como professor de História.

Como disse no início, sou aqui um representante deste grupo e por isso peço que me permitam compartilhar o depoimento de dois colegas. O primeiro da bolsista, ou melhor, da professora Ana Claudia, e o segundo do bolsista, e professor, Eduardo Teles.

O primeiro diz assim: “O PIBID foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida acadêmica. Ao ingressar nesse programa, tive contato com a escola e com o trabalho do professor, sendo esse o meu maior interesse. Sempre quis ser professora e sentia falta do contato com a escola e o PIBID me proporcionou este contato.

O PIBID me proporcionou a oportunidade de assistir de perto a atuação de um professor em uma escola pública, de preparar e ministrar aulas. Preparar as aulas para o PIBID é uma grande experiência. Quando faço uma aula tenho tempo para pesquisar, para pensar em atividades e estabelecer e concretizar os meus objetivos. É assim que sonho em fazer quando eu for professora. São aulas bem pensadas, como todas deveriam ser.”

O segundo depoimento diz: “O PIBID, para mim, foi um grande marco na passagem do meu papel como universitário para o de me tornar um professor. Alguns poderiam falar que esse aprendizado de como lidar com os alunos é o propósito do PIBID, mas eu diria que é mais do que aprender a ser professor, é aprender a ler o ambiente da escola e as pessoas que fazem parte dele”.

Somente assim nós, futuros professores, podemos aprender que não basta chegar à escola com o conhecimento. Precisamos contribuir para que o aluno pense e junto conosco aprenda. Pois ele aprende o conteúdo e nós as diferentes formas de passá-lo. Toda aula é única, assim como as pessoas que fazem parte dela. As dúvidas e curiosidades dos alunos nos levam, em cada momento, a aprender uma coisa nova, a aprimorar um detalhe e conhecer melhor a profissão que escolhemos.”

Antes de encerrar minha fala não poderia deixar de agradecer ao nosso professor coordenador Ilmar R. Mattos pela sua dedicação e por nos tratar como colegas de profissão, como professores.

Muito obrigado.